

«CADA LIVRARIA CONDENSA O MUNDO. Não é uma rota aérea, mas um corredor entre estantes o que une o teu país e as suas línguas com regiões extensas nas quais se falam outros idiomas. Não é uma fronteira internacional, mas uma passagem – uma simples passagem – o que se deve atravessar para mudar de tipografia e, portanto, de toponímia e, portanto, de tempo: um volume editado em 1976 encontra-se ao lado de outro publicado ontem, acabado de chegar e que ainda cheira a *lignina* (parente da baunilha); uma monografia sobre as migrações pré-históricas convive com um estudo sobre *megapolis* do século XXI; depois das obras completas de Camus, encontramos as de Cervantes (em nenhum outro espaço reduzido é tão certo o verso de J.V. Foix: «*M'exalta el nou i m'enamora el vell.*» Exalta-me o que é novo e apaixona-me o que é velho.». Não é uma estrada, mas um lanço de escadas ou talvez um limiar ou talvez nem sequer isso: dar a volta é o que liga um género com outro, uma disciplina ou uma obsessão com o seu reverso tantas vezes complementar: o drama grego com o grande romance norte-americano, a microbiologia com a fotografia, a história do Extremo Oriente com os romances populares do faroeste, a poesia hindu com as crónicas das Índias, a entomologia com a teoria do caos. Para aceder à ordem cartográfica de qualquer livraria, a essa Representação do mundo – dos muitos mundos a que chamamos mundo –, que tanto tem de mapa, a essa esfera de liberdade em que o tempo abranda e o turismo se converte noutro tipo de leitura, não é necessário nenhum passaporte. E, no entanto, em livrarias como a Green Apple Books, de São Francisco, em La Ballena Blanca, da Mérida venezuelana, na Robinson Crusoe 389, de Istambul, em La Lupa de Montevideo, na L'Écume des Pages, de Paris, na The Book Lounge, da Cidade do Cabo, na Eterna Cadencia, de Buenos Aires, na Rafael Alberti, de Madrid, na Cálamo e na Antígona, de Saragoça, na Casa Tomada, de Bogotá, na Metales Pesados, de Santiago do Chile e na sua sucursal de Valparaíso, na Dante & Descartes, de Nápoles, na John Sandoe Books, de Londres ou na Literanta, de Palma de Maiorca, senti que estava a selar algum tipo de documento, que ia acumulando carimbos que certificavam a minha passagem por uma rota internacional das livrarias mais importantes ou mais significativas ou melhores ou mais antigas ou mais interessantes ou simplesmente mais acessíveis naquele momento, quando de repente começou a chover em Bratislava, quando precisava de um computador ligado à Net em Amã, quando precisava mesmo de me sentar e de descansar uns minutos no Rio de Janeiro ou quando estava cansado de tantos templos no Peru ou no Japão.»

=====

Provavelmente, apenas uma vez na história da cultura o facto de alguém não ter entrado numa livraria teve consequências positivas: num dia de 1923, Akira Kurosawa dirigiu-se à famosa Livraria Maruzen de Tóquio, conhecida pelo seu edifício construído por Riki Sano em 1909 e por importar títulos internacionais para a elite cultural japonesa, com a intenção de comprar um livro à irmã, mas estava fechada e foi-se embora; duas horas depois, o edifício foi destruído por um terramoto e todo o bairro foi consumido pelas chamas. A literatura é magia e intercâmbio, e durante séculos partilhou com o dinheiro o suporte do papel, tendo sido vítima de tantos incêndios. As livrarias são negócios em dois planos, simultâneos e indissociáveis: o económico e o simbólico, venda de exemplares e criação ou destruição de famas, reafirmação do gosto dominante ou invenção de um novo, depósitos e créditos. As livrarias sempre foram amplificadoras do cânone e, portanto, pontos-chave da geopolítica cultural. O lugar onde a literatura se torna mais física e, por isso, mais manipulável. O espaço onde, bairro a bairro, aldeia a aldeia, cidade a cidade, se decide a que leituras terão acesso as pessoas, quais vão ser difundidas e, por conseguinte, quais terão a possibilidade de serem absorvidas, descartadas, recicladas, copiadas, plagiadas, parodiadas, admiradas, adaptadas, traduzidas. É nelas que se decide grande parte das suas hipóteses de se tornarem influentes. Não em vão o primeiro título que Diderot deu à sua *Carta sobre o Comércio dos Livros* foi: «*Carta histórica e política dirigida a um magistrado sobre a Livraria, no seu estado antigo e actual, os seus regulamentos, os seus privilégios, as licenças tácitas, os censores, os vendedores ambulantes, a passagem de pontes e outros assuntos relativos ao controlo literário*».

=====

«Como eram as livrarias no século XVIII, quando a Bertrand Livreiros, a Hatchards e a Librería del Colegio abriram as suas portas em Lisboa, Londres e Buenos Aires, respectivamente? A avaliar pelas gravuras dos séculos XVII e XVIII estudadas por Henry Petroski em *The Book on the Bookshelf*, um pormenorizado itinerário pela história de como arrumámos os nossos livros, o livreiro instalava-se atrás de uma grande secretária, desde a qual geria o seu negócio, que muitas vezes comunicava fisicamente com a imprensa ou com a editora da qual dependia, e dispunha à sua volta o grande arquivo de cartapácios cosidos, mas não encadernados, que era a livraria. Os móveis de gavetas muitas vezes eram parte integrante do balcão, como se pode observar numa famosa gravura de The Temple of the Muses, talvez a livraria mais lendária e bela do século XVIII, situada na londrina Finsbury Square e regida por James Lackington, que se recusava a destruir os livros que não vendia, preferindo pô-los em saldo, em sintonia com o que

entendia ser a sua missão profissional. Escreveu: “Os livros são a chave do conhecimento, da razão e da felicidade, e toda a gente deve ter acesso a eles a preços acessíveis, independentemente do nível económico, classe social ou sexo.”»